

Fotos Reprodução



As lontras brasileiras, como a *Lutra paraensis*, têm merecido atenção de pesquisadores e instituições conservacionistas, que procuram salvá-las da extinção

Criando a nova Arca de Noé

Conservacionistas procuram meios de definir quais as espécies que serão salvas do risco de extinção

Da "New Scientist"

Como qualquer executivo com sua mesa cheia de trabalho, Russel Mittermeier tem muitas opções e pouco tempo e dinheiro para concretizá-las.

Mas Mittermeier, presidente da "Conservação Internacional", localizada em Washington (EUA), não escolhe entre novos lasers ou leitores de CD-ROM mais velozes. O destino de milhares de espécies ameaçadas no mundo é a decisão que ele tem que tomar.

Para suprir todas as necessidades de conservação natural dos países em desenvolvimento, seriam necessários US\$ 17 bilhões por ano, de acordo com estimativa feita em 1991 pelo IUCN (sigla em inglês para União Internacional para Conservação da Natureza), o programa ambiental da ONU e do Fundo Mundial para a Natureza.

Os níveis atuais não representariam mais do que um quarto disso, diz Walter Reid, vice-presidente do Instituto de Recursos Mundiais, em Washington.

Para fazer o máximo de seus escassos recursos, os planejadores ambientais precisam de prioridades claramente justificadas. Mas a definição dessas prioridades está longe de ser simples.

Muitas dessas pessoas decidem preservar tantas espécies ameaçadas quanto seja possível, concentrando seus esforços em pontos "quentes" da biodiversidade, como a Floresta Amazônica.

Um grande número delas está optando, entretanto, por uma nova estratégia, que visa a elaboração de um portfólio balanceado de reservas naturais, que inclui representantes de cada um dos principais tipos de habitat, mesmo que isso signifique salvar menos espécies no total.

O destino de cada método depende das respostas a duas questões: como se define "ameaçadas" e se há espécies mais valiosas que outras. Em ambos os casos, conservacionistas têm repensado os critérios utilizados.

Quando espécies ameaçadas se transformaram em um assunto de destaque, nas décadas de 60 e 70, os responsáveis adotaram definições vagas do termo.

A IUCN, responsável pela publicação das espécies ameaçadas, as define como aquelas "em perigo de extinção e cuja sobrevivência é improvável se os fatores causais continuarem acontecendo".

A Cites (sigla em inglês para Convenção em Intercâmbio Internacional de Espécies Ameaçadas) usa termos semelhantes.

Muitos biólogos têm se indispuesto com essas definições, temendo que elas sirvam à politicagens e extravagâncias, apesar de concordarem, a princípio, em marcar uma espécie como ameaçada.

Quando surge o risco de extinção, "você precisa de uma pesquisa que valha uma tese de doutorado para fazer uma estimativa razoável disso", diz Daniel Simberloff, um conservacionista da Universidade da Flórida, em Tallahassee (EUA).

Mas, em um mundo habitado por milhões de espécies desconhecidas, onde milhares delas estão em perigo, simplesmente não há doutorandos suficientes para isso.

As pessoas que decidem as políticas de conservação precisam tomar decisões arbitrárias, mesmo que sejam imperfeitas, afirma Georgina Mace, pesquisadora do zoológico de Londres.

Tentativas de se estabelecer metas como estas em conservação não são mais arbitrárias do que determinar limites para programas assistenciais, diz ela.

No ano passado, um grupo da IUCN, liderado por Mace e Simon Stuart, completou um esforço de cinco anos para se determinar um critério numérico conciso pelo qual espécies poderiam ser consideradas, em ordem crescente de ameaça, "vulneráveis", "ameaçadas" ou "críticas".

Os critérios são complexos. Para que uma espécie seja classificada como "ameaçada", por exemplo, menos do que 250 indivíduos devem estar vivos, pela melhor estimativa, ou menos do que 2.500 indivíduos adultos, se eles pertencerem a uma única população ou se seu número estiver caindo.

Elas também são qualificadas como "ameaçadas" se seu número tiver decaído mais de 50% nos últimos dez anos ou três gerações, o que for maior.

Assim também são classificadas espécies cujo habitat é menor do que 50 quilômetros quadrados e exibem outros sinais de problemas, como populações em declínio, fragmentando-se ou com grandes flutuações.

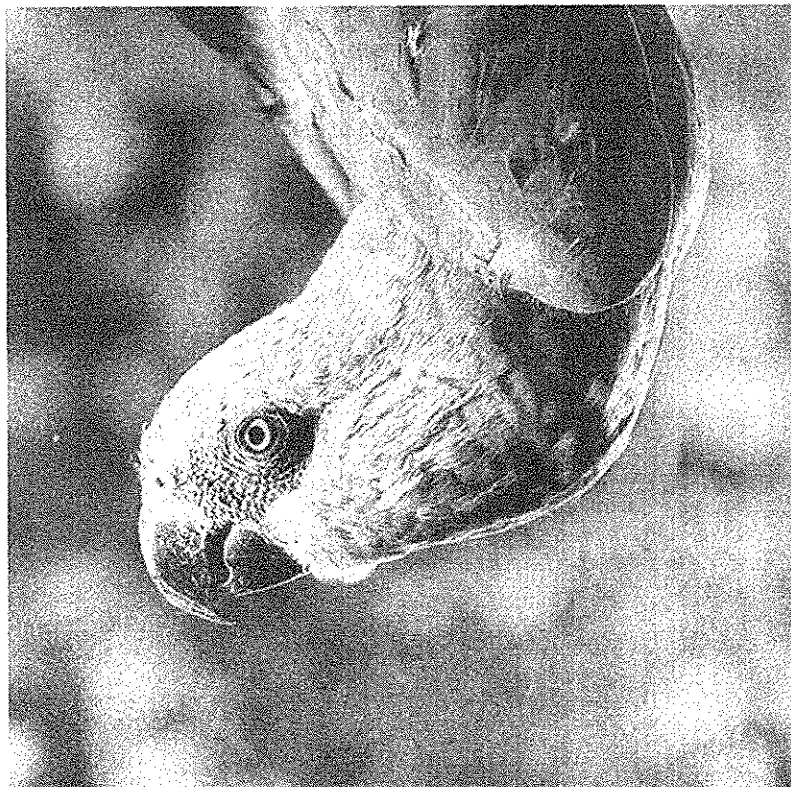
Esses critérios novos e mais precisos podem esfriar um pouco a batalha política que paira sobre algumas das decisões mais controversas do Cites, colocando qual quer debate em um plano mais científico.

Critérios quantitativos tornaram difícil a discussão. Um debate científico tem que tomar o lugar da gritaria habitual", diz Stuart.

Para testar o novo critério, Mace e seus colegas pediram a especia-



Coala, marsupial que vive na Austrália, ameaçado de extinção



Ararinha-azul de spixii, único macho solto na natureza

listas para produzir listas de vertebrados e de algumas plantas ameaçadas. Depois compararam essa listagem ao novo critério.

"A consequência da aplicação do novo critério é que mais espécies foram listadas", diz Mace. O novo sistema, diz ela, parece incluir espécies raras, mas bem disseminadas, em detrimento de espécies abundantes, mas que habitam apenas uma região.

Primeiros passos

Mas elaborar listas de espécies ameaçadas é apenas metade da batalha, diz Mace. "As listas seriam

o primeiro passo. Você tem que estar certo de que esse passo inclui tantas espécies quanto seria razoável desejar".

O próximo passo é decidir quanto tempo e esforço cada espécie merece. "Você precisa ser bem preciso sobre o que quer maximizar", diz ela.

Por exemplo, os conservacionistas deveriam apenas salvar tantas espécies quantas sejam possíveis, começando pela que estiver em maior perigo, ou algumas espécies seriam mais valiosas que outras?

No campo ético, muitos biólogos sustentam que cada espécie

tem igual direito a sobreviver e que o homem não tem o direito de favorecer uma ou outra. Outros argumentam que animais maiores e mais inteligentes têm um apelo maior para o interesse humano.

"Eu não posso concordar que uma planária (verme do mesmo grupo da solitária) ou um copépode (crustáceo microscópico) tem o mesmo valor que um elefante ou um gorila, diz William Conway, diretor-geral da WCS (Wildlife Conservation Society), em Nova York (EUA).

Animais maiores normalmente representam papéis ecológicos mais importantes, diz ele. Por exemplo, o fato de elefantes pisarem na vegetação ajuda a manter as clareiras usadas por muitos outros animais.

Mas nem toda espécie importante é grande, diz Conway. Formigas, cupins e insetos polinizadores também podem representar papéis-chave em seus ecossistemas e merecem igual atenção.

Algumas vezes, uma espécie também pode ser singularizada pela sua importância evolutiva. Os sapos com cauda, que vivem na costa oeste da América do Norte, por exemplo, são os únicos membros vivos de todo um ramo da árvore evolucionária dos sapos. Sua extinção produziria um vazio muito maior que a de uma subespécie.

Muitos cientistas argumentam que animais grandes, como tigres e corujas, merecem especial atenção porque os esforços de conservação direcionados a espécies "marcantes" normalmente resultam na conservação de diversas espécies menores.

"Você está procurando por efeitos multiplicadores", diz John Robinson, diretor de programas internacionais de conservação da WCS.

Mas decidir que espécies estão ameaçadas não ajudará de nada, a menos que os conservacionistas também possam traçar uma estratégia que os ajude a sobreviver.

Além da idéia de reprodução em cativeiro, a maioria dos programas de conservação protegem habitats inteiros, não espécies individuais. Muitos conservacionistas afirmam que os próprios ecossistemas, e não suas espécies componentes, deveriam ser o alvo dos esforços.

Além do mais, diz Robinson, "se nós estivermos interessados apenas na preservação do tigre, deveríamos reproduzi-los em zoológicos. Mas nós estamos realmente interessados em preservar a área selvagem onde vivem os tigres".

Conservar os habitats ao invés de espécies individuais oferece várias vantagens.

Quando um governo define uma região como um parque ou reserva, ele preserva tudo que estiver nele — mesmo organismos obscuros que os cientistas ainda não tenham identificado.

A destruição de habitats é um fator que coloca em risco espécies que não estavam ameaçadas, portanto salvar habitats seria o coração do conservacionismo. Uma aproximação centrada nos habitats permitiria aos conservacionistas atuar logo, protegendo espécies antes que elas toquem o alarme de risco de extinção.

Paradoxalmente, a estratégia de preservar um portfólio de diferentes tipos de habitat sugere que os conservacionistas deveriam gastar pelo menos um pouco do seu tempo e dinheiro em habitats como a floresta boreal do Canadá, cujo risco de erradicação é mínimo.

Ainda que os críticos digam que dar alta prioridade a esforços como esse simplesmente gastaria recursos escassos, isso poderia salvar espécies ameaçadas em algum outro lugar, afirma Kent Redford, diretor da divisão para a América Latina da organização conservacionista Nature Conservancy.

Ele prefere encarar isso como um remédio preventivo. "Você quer manter sadias as pessoas sadias ou você só quer tratar as pessoas doentes? A maneira de pensar atual é como se estivesse destinando todos os meus recursos para salas de emergência", diz.

Distribuindo prioridades de maneira abrangente, os conservacionistas poderiam também criar novas formas de financiamento, diz Mittermeier.

Por exemplo, agora que a floresta do Chile surgiu como uma prioridade, o governo chileno poderia destinar mais dinheiro para sua conservação.

Analogamente, há o caso da África do Sul, que tem um dos ecossistemas mediterrânicos mais diversificados do mundo. "Quanto mais reconhecimento você dá para isso, mais provável é que a própria África do Sul dê atenção. E eles têm dinheiro", diz Mittermeier.

A nova estratégia tem apenas alguns anos. Ainda é necessário ver se ela funciona na prática. Mas uma coisa parece ser certa. Independentemente de como os conservacionistas definam suas prioridades, muito trabalho duro ainda deve ser feito.

"Não há uma maneira para se vencer a batalha do conservacionismo", diz Conway. "O segredo do sucesso é a constante inovação, sempre encontrando novas soluções para novos problemas".

Tradução de Paulo Fernando Silvestre Jr.